CHINA: A TEORIA E A POLÍTICA NA GRAMÁTICA DO FUTURO

CHINA: THEORY AND POLITICS IN THE GRAMMAR OF THE FUTURE

CHINA: TEORÍA Y POLÍTICA EN LA GRAMÁTICA DEL FUTURO

Lisandra Pereira Lamoso
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
lisandralamoso@ufgd.edu.br

"Pobreza não é socialismo. Devemos apoiar o socialismo, mas devemos avançar na construção de um socialismo verdadeiramente superior ao capitalismo. Devemos, primeiro, nos livrar do socialismo da pobreza (pinkun shehuizhuyi); embora todos digam hoje que estamos criando o socialismo, só em meados do próximo século, quando atingirmos o nível dos países moderadamente desenvolvidos, poderemos dizer com segurança que o socialismo é realmente superior ao capitalismo e que estamos realmente construindo o socialismo". (Deng Xiaoping, 1987)

Destaques

- O socialismo com características chinesas desafia as ciências sociais a decifrá-lo em movimento e propõe uma linguagem inédita para a geopolítica mundial.
- Pronunciamentos do Presidente Xi Jinping são citados para exemplificar como o Estado tem ampliado sua capacidade de intervenção com o objetivo de aumentar a qualidade de vida do povo chinês.
- São muitas as possibilidades para relações entre Brasil e China para além das trocas comerciais, mas uma relação ganha-ganha requer do Brasil um reconhecimento sobre qual seu projeto de nação.

RESUMO

A construção de um socialismo com características chinesas tem sido caracterizada por um estágio elevado de planificação econômica, aprendizado histórico, experiência acumulada, qualificado diagnóstico dos desafios a serem enfrentados, sob comando

central do Partido Comunista Chinês, dentro do qual emergem lideranças como Xi Jinping. Seus pronunciamentos estão orientados para um futuro que prioriza a melhoria da qualidade de vida do povo chinês e, para isso, no atual período, propõe estratégias de desenvolvimento econômico com particular atenção para a inovação. A gramática chinesa apresenta expressões como "Futuro compartilhado" e "Prosperidade comum", antagônicas ao "*Make America Great Again*" que desponta no horizonte da principal economia capitalista ocidental. Considerando este cenário, apresentamos algumas reflexões para uma certa ideia de Brasil.

Palavras-chave: Xi Jinping; Desenvolvimento econômico; Sul Global.

ABSTRACT

The construction of socialism with Chinese characteristics has been distinguished by advanced economic planning, historical learning, accumulated experience, and a precise diagnosis of the challenges to be faced. This development occurs under the central command of the Chinese Communist Party, from which leaders like Xi Jinping emerge. His statements are directed toward a future that prioritizes improving the quality of life for the Chinese people. Consequently, the current strategies propose economic development with a specific focus on innovation. The Chinese political discourse includes expressions such as "Shared Future" and "Common Prosperity," which contrast sharply with "Make America Great Again," the slogan of the leading Western capitalist economy. In light of this scenario, we present some reflections on a particular idea of Brazil.

Keywords: Xi Jinping; Economic development; Global South.

RESUMEN

La construcción del socialismo con características chinas se ha caracterizado por una planificación económica avanzada, el aprendizaje histórico, la experiencia acumulada y un diagnóstico preciso de los desafíos a enfrentar. Este desarrollo ocurre bajo el mando central del Partido Comunista Chino, del cual emergen líderes como Xi Jinping. Sus declaraciones están orientadas hacia un futuro que prioriza la mejora de la calidad de vida del pueblo chino. En consecuencia, las estrategias actuales proponen el desarrollo económico con un enfoque específico en la innovación. El discurso político chino incluye expresiones como "Futuro Compartido" y "Prosperidad Común", que contrastan marcadamente con "*Make America Great Again*", el lema de la principal economía capitalista occidental. A la luz de este escenario, presentamos algunas reflexiones sobre una idea particular de Brasil.

Palabras clave: Xi Jinping; Desarrollo económico; Sur global.

INTRODUÇÃO

A partir de 1º de janeiro de 2023, com o início do terceiro mandado do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2023-2027), que coincide com o Ano do Dragão, na China, as intenções de intensificação das relações diplomáticas e comerciais entre Brasil e China foram ampliadas. A bem da verdade, nunca deixaram de existir, mas experimentaram alguns constrangimentos durante o Governo de Jair Messias Bolsonaro (2019 - 2022), em razão do espaço ocupado pela "pequena política"[1].

Em 2024, comemora-se meio século de relações diplomáticas entre ambos, período caracterizado tanto pela crescente participação chinesa no mercado internacional quanto pela sua importância nas importações e exportações brasileiras. Em 2023, o país foi o maior destino das exportações do Brasil (30,7% do valor total, com predomínio de soja, petróleo e minério de ferro) e a principal origem das importações (22,7%, com predomínio de produtos oriundos da indústria de transformação)[2]. O comércio exterior com o parceiro chinês tem sido relevante pelos valores e pela qualidade da pauta das exportações, predominantemente de *commodities agrícolas,* além do peso da importação de manufaturados[3].

Neste texto, não pretendemos discutir a importância das relações comerciais internacionais, embora sejam muito importantes. Pretendemos refletir sobre alguns aprendizados que a sociedade chinesa tem colocado à disposição, quando nos mostramos dispostos a superar um quadro analítico pré-concebido. Na primeira parte, mencionamos a interpretação da "Nova Economia do Projetamento", como uma ferramenta original de interpretação do desenvolvimento chinês, relacionando, em seguida, com alguns pronunciamentos oficiais de Xi Jinping. Tanto a "Nova Economia do Projetamento" quanto o que a China propõe em termos políticos nomeamos (com certa liberdade poética) de "Teoria e Política na gramática do futuro". A Teoria tem sido movida para

[1] A "pequena política" é uma referência ao sentido gramsciano, diz respeito às disputas políticas do cotidiano parlamentar, movidas a intrigas, objetivos de curto prazo, que poderia ser, no senso comum nacional ilustradas como "toma lá, dá cá".

[2] ComexStat – MDIC, 2024, disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis.

[3] A característica dessas relações comerciais tem induzido a uma interpretação, por vezes, simplificada sobre o papel da China no processo de enfraquecimento da indústria nacional. Da mesma forma, também equivocada quanto a sua "responsabilidade" no fenômeno da reprimarização da pauta exportadora (Lamoso, 2023).

compreender algo em construção, na expectativa do que está por vir. A Política, porque contraria a ordem predominante da disputa por mercado, poder e território, da organização hierárquica sob hegemonia norte-americana. O texto finaliza com algumas reflexões sobre uma certa ideia de Brasil, considerando as decisões no presente como condição para o futuro.

A TEORIA E A POLÍTICA NA GRAMÁTICA DO FUTURO

O processo de desenvolvimento econômico chinês tem sido ancorada em uma curva de aprendizagem elaborada com fortes princípios filosóficos no campo teórico do materialismo histórico e dialético; por uma superestrutura moldada pelo corpo ético e filosófico do confucionismo (Jabbour, 2020); erigida pelos procedimentos de "experimentação cuidadosa, seguida de avaliação sistemática da prática por meio de pesquisa empírica"[4] (Weber, 2023, p. 387), todo processo sob comando do Partido Comunista Chinês (PCCh).

Os resultados da experiência chinesa de edificação de uma sociedade rumo ao socialismo têm sido superiores aos resultados registrados pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que ainda é forte no imaginário popular como "expressão de pobreza", "fracasso" e "ditadura". A construção de um "socialismo com características chinesas"[5] tem sido avaliada por duas vertentes de espectadores. De forma simplificada, pelos esperançosos, que desejam a superação das contradições do capitalismo e enxergam na China a alternativa que o sistema soviético não completou; pelos receosos, que desejam e trabalham pelo seu fracasso no receio que o desempenho chinês afete o *status quo* vigente dos que se beneficiam da ordem mundial e do atual processo de acumulação capitalista. Em meio a isso, maioria, às vezes silenciosa, às vezes barulhenta, que não compreende bem o que lá se passa, "flutua na maré dos acontecimentos pontuais cuja "simpatia" é disputada com a arma da informação, que Milton Santos (1994), há tempos,

[4] Quando exemplifica a implantação do sistema de preços de via de mão-dupla.

[5] O XIV Congresso Nacional do PCCh estabeleceu, formalmente, a noção de economia socialista de mercado com características chinesas. Na explicação de seu secretário geral, Jiang Zemin, "a distinção essencial entre socialismo e capitalismo não estava na ênfase no planejamento ou na regulação de mercado. Essa brilhante tese nos ajudou a nos libertar da noção restritiva de que a economia planejada e a economia de mercado pertencem a sistemas sociais basicamente diferentes, gerando assim um grande avanço em nossa compreensão da relação entre planejamento e regulação de mercado" (Zemin *apud* Webber, 2023, p. 389).

considerou como “a variável chave do período”.

Na seara do debate acadêmico, o progresso econômico e social chinês é explicado, ora por ter aderido à globalização econômica, ora por ter seguido as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC), ou por ter se tornado capitalista, ou ainda, pela exploração do trabalho, possível pela sua demografia. Na contramão da utilização de conceitos já conhecidos, alguns intelectuais têm concentrado seus esforços na compreensão da manifestação concreta desse processo repleto de originalidade, porque organiza conhecimento da história, experimentação, observação estratégica e avaliação, adaptados à resolução dos problemas e desafios que surgem na dinâmica das relações sociais. Elias Jabbour é um deles, com debate que se orienta por uma sofisticada utilização da Economia do Projetamento, desenvolvida pelo brasileiro Ignácio Rangel (1959)[6]. Com Jabbour, associam-se autores e co-autores, como Gabriele, Espíndola, Dantas, Boer, Capovilla, Velozzo, Vadell, Cambuhy, Boa Nova[7], entre outros, que discutem o que está sendo conceituado como “Nova Economia do Projetamento”, um estágio sofisticado da planificação.

Trata-se de uma literatura que está adensando a formulação teórica, particularmente interessante para a Geografia, porque subsidia a compreensão da ampliada capacidade de intervenção estatal no território sob coordenação do Partido Comunista Chinês (PCCh), à luz da categoria marxista de Formação Econômica e Social. O avanço teórico está na elaboração da substituição da noção de valor pela noção de utilidade, ao fomentar a produção de riqueza útil socialmente, que resulta na melhoria das condições materiais da vida para população e cria externalidades ambientais positivas (por exemplo, com a competitividade e produtividade obtida na produção de veículos elétricos), com repercussões na urbanização sustentável, no incremento da quantidade e qualidade da produção de alimentos, na elevação do bem estar para moradores do campo e da cidade, visível, principalmente pelos resultados obtidos com a expansão da infraestrutura de transportes. A chave conceitual da Nova Economia do Projetamento toma a história como laboratório, a economia como determinante e o espaço como

[6] RANGEL, I. Elementos de Economia do Projetamento. *In*: RANGEL, I. *Obras reunidas*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1959] 2005.

[7] Para aprofundar a discussão, consultar trabalhos de Jabbour, Dantas e Espíndola (2020), Jabbour e Gabriele (2021); Jabbour e Dantas (2021); Jabbour *et al.* (2022); Boa Nova, Jabbour e Cambuhy (2023); Jabbour e Capovilla (2024).

materialidade das relações sociais.[8]

Parte desta complexidade teórica comparece nas mensagens oficiais do atual Presidente chinês, Xi Jinping. Este, no contraste de várias lideranças políticas do Ocidente apresenta, como poucos, acumulado conhecimento histórico e, inclusive por causa disso, uma particular sensibilidade para leitura das perspectivas de futuro[9]. O conjunto de seu pensamento está envolto pela trajetória de vida, pelo ambiente e peso político do PCCh. A gramática de seus pronunciamentos reúne arcabouço conceitual com metáforas extraídas de antigos provérbios chineses, uma junção de ciência de alto nível com experiência popular testada historicamente[10]. Pelo longo período em evidência (desde 2012), atentar para seus pronunciamentos é uma forma de entender o raciocínio e o pragmatismo do movimento chinês. Não se trata da valorização da *persona*, mas da observação do sujeito como resultado do meio e de suas contradições. A produção de liderança política de tal envergadura também é uma expressão social e demonstra como a construção das instituições e seus ritos é importante para qualificar o debate e a representação política. Na China, não há espaço para negação da Política.

Em 2012, no rastro da crise internacional de 2008, Jinping avaliou a economia mundial como um quadro em crescimento lento, fraca demanda e excesso de capacidade, com empresas reduzindo investimentos em inovação e sintetizou cinco objetivos que deveriam ser praticados pela China: 1) Desenvolver uma política financeira ativa e uma política monetária prudente, para um crescimento econômico real, sem exageros; 2) Consolidar a agricultura como base da economia, acelerar o desenvolvimento da agricultura moderna e garantir o abastecimento efetivo de cereais e dos principais produtos agrícolas; 3) Ampliar a demanda interna, manter estável a demanda externa,

[8] Uma simplificação, tomada para fins didáticos, pois não é objetivo deste texto realizar o debate teórico, mas apresentar a discussão e indicar suas principais fontes.

[9] Diversos pronunciamentos oficiais têm sido reunidos e publicados com o título de "Xi Jinping: a governança da China", vários volumes, que serão objeto de discussão ao longo deste artigo.

[10] Por exemplo, Jinping lembra o ensinamento de Mao Zedong, sobre tocar piano: "Quando se toca piano, os dez dedos devem mover-se, não se pode tocar apenas com alguns dedos, deixando os outros parados. Mas se os dez dedos fazem pressão ao mesmo tempo, também não se consegue qualquer melodia. Para produzir boa música, os dez dedos devem mover-se com ritmo e coordenadamente." Menciona para exemplificar que a concepção de desenvolvimento econômico deve ser compreendida de forma holística, pois no mundo atual, depende "cada vez mais da inovação tecnológica, institucional, científica, tecnológica e cultural" e cada um deve ocupar a devida atenção, de forma coordenada. (Jinping, [2016], 2019, p. 249).

atualizar e reajustar a estrutura industrial; 4) Reforçar a economia de mercado socialista, planejando pelas instâncias superiores; e 5) Melhorar as condições da população de baixa renda, com subsídio aos universitários pobres, criação de empregos e reforço no sistema de seguridade social urbana e rural[11]. Desafios que exigiram uma "governança potente" acompanhada pelo que chamou de "macrocontrole científico"[12]. Todas essas medidas, para um instável período de transição, deveriam ser acompanhadas pela valorização e investimento em inovação.

Em 2014, afirmou que "a inovação científica e tecnológica é um suporte estratégico para promover as forças produtivas sociais e o poderio geral, por isso deve ser colocada em uma posição central em toda a conjuntura do desenvolvimento do país"[13] (Jinping, [2014], 2019, p.145) e isso parte de uma análise de conjuntura bastante precisa:

> As tecnologias de informação, biologia, novos materiais e novas energias, com ampla difusão, têm impulsionado uma revolução em quase todas as áreas, caracterizada por tecnologias limpas, inteligência artificial e onipresença tecnológica. As fronteiras, no sentido tradicional, entre a pesquisa básica, pesquisa aplicada, desenvolvimento tecnológico e industrialização, têm se tornado cada vez mais imperceptíveis; a cadeia da inovação científica e tecnológica tem sido cada fez mais flexível; a atualização tecnológica e a transformação dos resultados, cada vez mais rápidas. E a atualização industrial cada vez mais acelerada. (Jinping, [2014], 2019, p.145-146).

O diagnóstico preciso, que resulta de muitos estudos realizados pelas instituições de Estado, é um ponto forte. Sem um diagnóstico correto, não há como organizar propostas de enfrentamento dos problemas presentes e daqueles que podem vir a ocorrer no médio e longo prazo. No caso chinês, a estratégia do incentivo à inovação tem apresentado os resultados que vemos neste primeiro quarto de século XXI. O diagnóstico propôs o caminho da inovação justificado pelo fato de que "as oportunidades históricas são muitas vezes efêmeras. Agora estamos diante de uma oportunidade histórica para impulsionar a inovação científica e tecnológica. Assim não podemos perder esta oportunidade e temos de agarrá-la bem". Esse senso de oportunidade buscava um

[11] Intervenção apresentada em 30 de novembro de 2012 no simpósio promovido pelo Comitê Central do PCCh com personalidades que não pertencem ao PCCh.

[12] Apesar do texto original abordar como "governança", preferimos tratar como "novas e superiores formas de planificação econômica", discussão realizada por Jabbour, Dantas e Espíndola (2020).

[13] Discurso na 17ª Conferência de Membros da Academia Chinesa de Ciências e na 12ª Conferência de Membros da Academia Chinesa de Engenharia.

posicionamento estratégico que se apoiou no aprendizado histórico. Jinping também avaliava que "No campo tradicional da competição do desenvolvimento internacional, as regras já foram elaboradas por outros, e ao entrar nesse campo, temos que seguir as regras já definidas e sem muita iniciativa." Conseguimos ver essa lógica em funcionamento quando vemos as regras para certificação ISO (*International Organization for Standardization*), ou o mecanismo do Swift (*Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication*), de integração das operações financeiras mundiais, recentemente utilizada como estratégia de bloqueio de recursos de adversários ideológicos pelos Estados Unidos, ou ainda as regras vigentes na OMC (Organização Mundial do Comércio). Chegar em atraso é obedecer às regras já estabelecidas.

Com diagnóstico da conjuntura e o conhecimento histórico, sua proposta estava em utilizar o Estado para conquistar as oportunidades da nova onda da revolução científica, tecnológica e industrial:

> [...] queremos participar da construção do novo campo de competição desde o início e até mesmo dirigir uma parte desse empreendimento, nos tornando um importante elaborador de novas regras e um condutor importante desse novo campo. Se não tivermos tecnologias únicas ou várias capacidades especiais para participar e dirigir a construção desse novo campo de competição, perderemos as oportunidades. (Jinping, [2014], 2019, p.150).

Até aí, poderíamos ter pontos em comum em outros países, porque inovações disruptivas surgidas nas principais economias ocidentais também tiveram apoio político e econômico do Estado. Mas, em se tratando de um socialismo com características chinesas, a estratégia de inovação para impulsionar o desenvolvimento tem um diferencial que é captado pela "Nova Economia do Projetamento", que pode ser extraída desta passagem do pronunciamento de Xi Jinping: "Os resultados científicos e tecnológicos só poderão gerar valores reais e impulsionar o desenvolvimento, caso estejam em sintonia com as necessidades do país, as exigências do povo e a demanda do mercado e completem o 'salto triplo'- pesquisa científica, experimentação e desenvolvimento e aplicação" (Jinping, [2014], 2019, p.152). A importância dessa relação complexa entre necessidades do país, exigência do povo e demanda de mercado é secular na cultura chinesa[14]. Os governantes aprenderam os efeitos das insatisfações populares.

[14] Isabela Webber (2023) explica, em detalhes, a interessante história do aprendizado sobre os princípios da regulação, da formação de preços, das oscilações previsíveis entre a oferta e a demanda, na pesquisa sobre o Guanzi e o Debate sobre o sal e o ferro. O crescimento econômico foi preocupação secular, que

A sociedade chinesa viveu crises de fome e as violências da guerra do Ópio (Inglaterra) e da invasão japonesa (1937-1945), chegou aos anos oitenta com um Produto Interno Bruto (PIB) de US$303 bilhões, que passou a US$ 17,96 trilhões em 2022, segundo o Banco Mundial. Os avanços sociais significativos e a atual condição econômica chinesa prescindem de um mundo instável, com conflitos bélicos e disputas. A China teve perdas da ordem de 35 milhões de pessoas na Segunda Guerra Mundial, na luta antifascista. Na tradição do aprendizado histórico, o caminho da estabilidade é um objetivo, pois considera que "Ninguém poderá alcançar a sua segurança absoluta apenas com o seu próprio esforço e muito menos conseguir estabilidade aproveitando-se da turbulência de outros" (Jinping, [2015], 2019, p. 642). Em pronunciamento na 70ª Sessão da Assembleia Geral da ONU, o presidente manifestou pela valorização dos princípios do diálogo, do intercâmbio e aprendizado mútuo, pela construção de um novo modelo de relações internacionais centralizadas na cooperação de benefício mútuo e pela criação de uma comunidade de futuro compartilhado.

A dificuldade em acreditar nesses propósitos de um "futuro compartilhado" e na construção da "prosperidade comum" existe na proporção inversa em que normalizamos os comportamentos imperialistas que afetam a soberania política dos povos, que os subordinam a morrer sem vacina, a substituírem suas possibilidades de desenvolvimento endógeno pela acumulação de minorias, ao pagamento de juros que exigem a extração da mais valia absoluta e relativa, entre tantas outras "normalizações".

A importância que a China assume atualmente, a torna uma liderança na defesa dos interesses dos países do Sul Global. Ela propõe uma linguagem de contraponto à ordem geopolítica mundial. A China propões relações de troca, compartilhamento. O discurso que vem do norte, representado no marketing político é do Maga – *Make America Great Again*. É um projeto de intervenção política na soberania das nações, de divisionismo, pautado em um (ainda) eficiente *soft power*[15]. Um projeto envelhecido pela incapacidade de promover melhoria e estabilidade social. Diversas alianças têm sido

remete "aos períodos das Primaveras e Outonos (772-476 a.C) e dos Reinos Combatentes (475-221 a.C) (Webber, 2023, p. 44).

[15] O conceito de *soft power*, estratégias de impor o poder e influenciar sem uso bélico, foi proposto por Joseph Nye no final dos anos oitenta, atualizado no texto O futuro do poder (2012).

formadas, sem cobertura de mídia, que tem pautado temas que são portadores de futuro para uma outra geopolítica.

Os debates têm proposto alguns dos seguintes temas[16]:

- Multilateralismo: Diálogos e cooperação que não dependam de articulações do Norte Global;
- Nova modernização: Integração econômica regional por meio de corredores e eixos econômicos do Sul Global com objetivo de formar economias de escala continentais;
- Economias de escala regional: A Nova Rota da Seda tem objetivos nesse sentido, de ampliação das oportunidades de integração comercial, produção e circulação;
- Desdolarização: O Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) está aberto a possibilidades alternativas de estrutura monetária que possam ancorar comércio e investimentos[17].
- Inovação liderada pelo Sul Global: Incentivo à inovação tecnológica democrática e aberta entre os países do Sul Global, com redução do ágio econômico imposto pelos monopólios de propriedade intelectual;
- Redução de preços de monopólios: A ser negociado mediante interesses comuns entre as partes;
- Reparações e resoluções de dívidas;
- Soberania alimentar: Garantia do direito de defesa de políticas agrícolas e alimentares, sem interferência de *dumping* em relação a outros países, corporações transnacionais e acordos de livre comércio;
- Soberania digital: Democratização dos espaços digitais em termos de *hardware*, *software*, regulações, construção de alternativas às plataformas digitais monopolizadas pelos Estados Unidos;
- Justiça ambiental: Formulação de planos justos de alocação de direitos de emissão e exigências de compensação pela poluição acumulada ao longo de décadas.

[16] Propostas em discussão pelos Estados-membros das organizações multilaterais emergentes do Sul Global, como ACNU (Grupo de Amigos da Carta das Nações Unidas), OCX (Organização de Cooperação de Xangai) e BRICS (SUL GLOBAL INSIGHTS, 2024).

[17] Ver artigo "A bomba da desdolarização: a chegada do Ecossistema Monetário Descentralizado dos BRICS+", disponível em: https://www.brasil247.com/blog/a-bomba-da-desdolarizacao-a-chegada-do-ecossistema-monetario-descentralizado-dos-brics.

Neste contexto, de surgimento de propostas pelos países, em franco questionamento (e enfraquecimento) da pretensa liderança norte-americana, como pensar a relação Brasil – China? Precede a questão, qual Brasil queremos?

UMA CERTA IDEIA DE BRASIL

O economista Paulo Nogueira Batista escreveu um livro com título sugestivo "O Brasil não cabe no quintal de ninguém". A China tem demonstrado sua decisão de "não ser quintal de ninguém". Para chegar a esse ponto, foi fundamental o desenvolvimento das forças produtivas e dotar a sociedade de bases materiais e ideológicas que a capacita na resistência aos ataques que visam promover a desestabilização de seu regime.

Para o Brasil se afastar do risco de se transformar em "algum quintal" os desafios não são pequenos. Talvez, entre eles, a necessidade de reestruturar as formas de representação política, não sem antes garantir que a correlação de forças esteja favorável a um pensamento progressista. Nada vai se aproximar do modelo chinês no qual o PCCh conta com cem milhões de membros, cujo ingresso se faz mediante rígido processo seletivo, que exige comprovação de conhecimento e desempenho reconhecido, Partido cujos membros são os primeiros a serem convocados para atender às necessidades do país (o que ocorreu durante a pandemia Covid 19, quando seus membros foram convocados a atuar nas frentes sanitárias, por exemplo).

No campo do debate político, há um conjunto de perguntas cujas respostas ainda não estão suficientemente claras e delas dependem que consigamos projetar uma certa ideia de país, sem a qual fica difícil saber de que forma devem ser as relações, por exemplo, entre Brasil e China. O que é possível aprender com a experiência chinesa e quais as possibilidades de compartilhamento? Diferentes dos anos sessenta/setenta, lembrados pelas taxas de crescimento econômico, dos planos quinquenais, da integração dos arquipélagos econômicos, da construção de Hidrelétrica de Itaipu etc, as condições internas e externas são muito diferentes e requerem, assim como fizeram os chineses, um diagnóstico preciso.

Hoje, temos dúvidas se o conhecimento científico acumulado/produzido nas universidades públicas (para ficar em um campo minimamente conhecido) teria condições de responder a esse desafio. A superespecialização dificulta uma compreensão

do conjunto; o modelo que induziu a pós-graduação a mais publicação em menos tempo suprimiu a capacidade de reflexão que o trabalho intelectual exige; a internacionalização (em Ciências Humanas e Sociais) nem sempre fortaleceu um conhecimento do Brasil para o Brasil, mas um conhecimento sobre o Brasil com lentes estrangeiras. Há um déficit na organização de movimentos sociais, sindicatos, associações, trabalho de base. Os espaços presenciais de troca de experiências e debates, do exercício do contraditório, salvo raras exceções (entre as quais o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra) foi gradualmente substituído pelas plataformas digitais (com todos os problemas já conhecidos sobre o controle e manipulação das informações que circulam) e pelos espaços de manifestação religiosa, com a expansão do movimento neopentecostal[18].

Outros elementos como: consultorias[19], auditorias, privatização de bancos de dados, elevado custo da produção/organização/armazenamento das informações e enfraquecimento da capacidade de planejamento estatal dificultam a elaboração de programas e políticas na escala nacional, pois fragmentam o território em pedaços lucrativos que são apropriados por concessões e privatizações. Ainda, empobrecimento do debate político, um coronelismo digital moderno capitaneado pelos interesses financeiros, pela sobrevivência política no ciclo de curto prazo, que é definido pelos mandatos eleitorais.

Quais são as questões importantes que a observação do desenvolvimento chinês nos leva a formular para o caso brasileiro? Algumas que nos ocorrem e deixamos para o debate:

- Considerando o crescimento da extrema direita no mundo e as características que a mesma assume no Brasil, a prioridade interna deve ser a luta de classes ou a criação de condições para o desenvolvimento econômico?
- Considerando o hiato tecnológico já estabelecido entre a capacidade nacional e o conhecimento dominado pelas corporações internacionais, quais são os setores estratégicos que devem ser priorizados com políticas de Estado?
- Considerando a Informação como a "variável chave do período" (Santos, 1994), como pensar a comunicação no território de forma soberana?

[18] Ver Spyer (2020).

[19] Ver Teixeira e Silva (2011).

- Há consenso político sobre a necessidade de fortalecer a indústria no território nacional, como parte de um projeto nacional de desenvolvimento?
- Quais os desafios para a permanência do agronegócio brasileiro de *commodities* agrícolas no mercado internacional frente à tendência crescente de aumento nos custos e queda de produção, no caso de adversidades climáticas?

Todas essas questões exigem investimentos em infraestrutura, condição sem a qual a maioria delas se torna inviável. Em algum momento, mencionar investimentos em infraestrutura fez emergir a discussão sobre impactos ambientais, prejuízos para as comunidades que tiveram que ser realocadas, lentidão na tramitação dos processos de licenciamento, superfaturamento, corrupção, concentração de riqueza, exploração do trabalhador, obras que se arrastam por anos e não são concluídas, indenizações que não foram pagas, obras inacabadas, desperdício de dinheiro público... A lista é grande e invariavelmente comprovada por centenas de trabalhos, principalmente de Geografia. É provável que os chineses tenham alguma dificuldade de compreender esses problemas da "implantação de infraestrutura com características brasileiras", como escavação de túnel de metrô que desaba e vira cratera; BRT (*bus rapid transit*) que não funciona; asfalto implantado antes da tubulação de água e esgoto; populações que foram afetadas pelas obras das usinas hidrelétricas e não tem o serviço de energia. São características particulares da condição nacional.

Difícil não gerar transtornos e a lista de efeitos positivos também é extensa, mas essas questões todas devem ser negociadas e dizem muito das deficiências encontradas pela capacidade de planejamento e execução nacional, ainda agravadas por equívocos jurídicos e políticos de operações de combate à corrupção no período de 2014 a 2021[20]. Atentar para esses problemas é importante porque os investimentos em infraestrutura são imprescindíveis para o avanço político e econômico, pelo menos no interior da corrente teórica que considera as forças produtivas como motor da história e o desenvolvimento econômico se fazendo pela superação de desequilíbrios. A principal diferença (ou desvantagem com a China) é não contar com um sistema que permita concentrar os esforços para levar a efeitos os grandes empreendimentos e a socialização

[20] Conjunto de operações conhecidas como "Lava Jato" que provocaram restrições à participação das principais empresas de construção civil nas licitações governamentais, além de uma série de impactos econômicos como paralisação de obras e desemprego.

da riqueza gerada. No capitalismo, o desenvolvimento vem sempre acompanhado de contradições e conflitos, por isso é preciso definir na relação custo-benefício, quais são os projetos prioritários para o atendimento da demanda social. A negação dos investimentos em infraestrutura não melhora as condições materiais, pelo contrário.

Além disso, uma pauta de cooperação, requer o conhecimento mútuo de ambas as partes, o que pode ser feito com mais convênios e intercâmbios. Um dos principais projetos em pauta é a proposição conhecida como Nova Rota da Seda, um conjunto de programas e investimentos chineses direcionados para infraestrutura, lançado pelo presidente Xi Jinping em 2013, caracterizada como grande plataforma de aplicação de investimentos em diversos setores produtivos, uma retomada de rotas comerciais historicamente utilizadas, inicialmente subdividida em Cinturão Econômico e Rota Marítima (Pautasso, Doria e Nogara, 2020).[21]

Sugestões de possibilidades de cooperação da China com Brasil:

- Políticas de inclusão digital;
- Produção de hortifrutis em estufas;
- Políticas de modernização do campo e da cidade em áreas periféricas da rede urbana, como na faixa de fronteira, do Arco Central e Sul;
- Informatização de sistemas de pagamento;
- *Joint ventures* para lançamento de satélites;
- Metodologia para planejamento regional e urbano;
- Políticas de prevenção e mitigação de desastres naturais;
- Políticas de realocação de comunidades afetadas por obras;
- Estratégias de comercialização de alimentos através de cadeias curtas;
- Fabricação de maquinário agrícola voltado para pequenas propriedades;
- Metodologias de geração e consolidação de *startups;*
- Políticas de fomento ao empreendedorismo rural e urbano (diferente do empreendedorismo de caráter neoliberal);
- Transferência de tecnologia e importação de equipamentos para agricultura de precisão para cadeias curtas;

[21] A discussão sobre Rota não será realizada neste texto, que optou por apresentar algumas sugestões de menor abrangência, em termos de políticas e programas.

- Infraestrutura inteligente, uso de Inteligência Artificial para governança das metrópoles;
- Políticas de integração econômica entre regiões de difícil acesso;
- Investimentos em infraestrutura (portos, aeroportos, rodovias, hidrovias, ferrovias, hidrelétricas, mobilidade urbana, integração regional, alcooldutos, oleodutos, minerodutos, gasodutos, infovias etc);
- Compartilhamento de projetos relacionados à Nova Rota da Seda;

Sugestões de possibilidades de cooperação do Brasil com a China:

- Políticas de redução do tabagismo;
- Cooperativas para produção de fruticultura irrigada no semiárido;
- Pelo Ministério da Saúde - Programa Nacional de Imunizações;
- Transposição do Rio São Francisco (políticas de mitigação de impacto em áreas do semiárido);
- Organização e metodologia da Agência Nacional de Cinema para produção de material cinematográfico;
- Pelo Ministério da Educação - Sistema de avaliação para pós-graduação (Plataforma Sucupira, Qualis Capes Periódicos);
- Pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - Elaboração de plataformas para divulgação da produção acadêmica de pesquisadores universitários (tipo Currículo Lattes);
- Avanços na produção da cadeia carne-grãos, tecnologias desenvolvidas pela Embrapa Soja, Embrapa Pecuária, eficiência na produção de sementes e variedades genéticas;
- Bioeconomia – subprodutos de frutos e sementes dos Cerrados e Amazônia;
- Aquicultura e piscicultura de espécies da Bacia do Rio Amazonas e Bacia do Rio Paraguai;

A lista, com certeza, é mais extensa e pode ser de mão-dupla. São países com muitas características em comum, em que pese as assimetrias sempre atraírem mais atenção. O Brasil acumulou muitas políticas bem sucedidas. Possui conhecimento na produção agrícola, tem quadros qualificados no serviço público, uma capilaridade de instituições de ensino e pesquisa que podem ser mobilizadas, um papel na integração

regional sul-americana pelas suas próprias condições de localização geográfica. O que nos favorece deve ser valorizado, acima das assimetrias que temos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título deste texto, "China: A teoria e a política na gramática do futuro" curto, como os editores de periódico gostam, e péssimo quando precisa ser traduzido, teve a intenção de sintetizar duas considerações. A primeira, que o marxismo não perdeu seu potencial teórico, nem o materialismo histórico e dialético. Temos esforços robustos em curso para conceituar o significado de um "socialismo com características chinesas" que utiliza esses aportes. Há que se aguardar com expectativa os futuros trabalhos sobre a "Nova Economia do Projetamento". Segunda consideração, a *práxis* chinesa propõe uma nova linguagem para a geopolítica mundial. Ela não projeta a revanche, a subordinação ou o conflito (pelo menos não por enquanto). O projeto de futuro está em disputa fora da China (e dentro da China, porque sempre haverá teses opostas em disputa). Tática e estratégia são vulgaridades nos discursos dos *coachs* ocidentais, mas a China conta com o pensamento de Mao *"strategically we should despise all our enemies, but tactically we should take them all seriously. This also means that we must despise the enemy with respect to the whole, but that we must take him seriously with respect to each concrete question."*[22]

Para o futuro da humanidade, participar com a China e não contra ela nos parece muito mais promissor que tomar partido pelas disputas imperialistas que permanecem estimulando violência e exclusão. Teoricamente, retomar as reflexões críticas de Domenico Losurdo, sobre o "marxismo ocidental" também ajuda a pensar a teoria e a política. Se algum avanço foi conseguido com a revolução anticolonialista, espera Losurdo que os marxistas

> olhem com empatia não apenas para um povo como o palestino, ainda forçado a lutar contra um colonialismo de tipo clássico, mas também para os países que têm atrás de si uma revolução anticolonialista e que agora se esforçam para encontrar o próprio caminho, evitando, sobretudo, cair numa condição de dependência (econômica e tecnológica) semicolonial (Losurdo, [2017], 2018, p. 205).[23]

[22] Discurso de Mao Tse Tung proferido em novembro de 1957, em Moscou, durante reunião do Partido.

[23] Como não lembrar do conflito na faixa de Gaza, que se está alastrando pelo Oriente Médio, e da disputa política na Venezuela, em 2024?.

Esse Sul Global ou essa periferia excluída tem começado um processo de resistência que ainda é difuso, com alguns avanços, alguns recuos, mas a imposição de uma ordem pelos Estados Unidos e Europa Ocidental já não tem a mesma potência. O aumento das sanções tem funcionado como combustível para a aceleração de uma reorganização que tende a reduzir a influência norte-americana. China tem importante papel nisso, assim como Rússia e Brasil, cada um a sua maneira, tem criado alternativas à hegemonia do dólar, ao financiamento internacional, às trocas comerciais.

Uma certa ideia do Brasil do futuro também está em disputa. Na perspectiva de um "realismo esperançoso"[24], uma aproximação efetiva com o atual projeto chinês requer do Brasil uma definição de qual tipo de cooperação lhe interessa. Este texto apresentou uma lista genérica, que depende das condições objetivas e da correlação de forças políticas para ser melhor definido. São propostas de variadas escalas, daquelas com efeitos regionais até soluções mais simples, que podem ser adaptadas para as condições brasileiras. Essa lista pode ser ampliada porque há, para além das assimetrias que diferenciam os dois países, semelhanças que os fazem compartilhar princípios comuns: ao Brasil, interessa o multilateralismo, o respeito à soberania dos povos, não disputar território com nenhum país (mesmo tendo quatorze mil quilômetros de fronteiras com vizinhos na América do Sul), possui histórico de receptividade a imigrantes de diversas nacionalidades, em todos os momentos históricos. Além disso, ocupa entre a oitava e a nona economia mundial, comunga de objetivos comuns na pauta ambiental e mantém comércio com mais de cem países, além de uma pauta de exportações que interessa à demanda chinesa.

A geração representada por Xi Jinping viveu uma China que passou por invasões, humilhações, crises de fome e hoje apresenta um convite ao compartilhamento, com desejos de que o futuro seja próspero para todos. A geração da qual sairão novas lideranças políticas terá vivido outras experiências. Eles desfrutam de conquistas que os colocam, senão em condições superiores, pelo menos em igualdade com os bons padrões da sociedade de consumo ocidental. Do pouco que conhecemos, passando algumas semanas nas principais cidades chinesas, vimos adolescentes orgulhosos de suas

[24] Um genial brasileiro, Ariano Suassuna, declarou certa vez que lhe perguntaram se ele era otimista. Respondeu "Eu não sou. Considero os otimistas ingênuos e os pessimistas amargos. Então, eu me considero um realista esperançoso."

tradições, visitando museus, espaços históricos, valorizando o acesso à educação formal no ambiente universitário. Vimos uma sociedade que não presencia um cotidiano com moradores de rua, com crianças fora das escolas, com pessoas que reviram lixo e pedem comida nas portas dos restaurantes. Essa é uma ideia da sociedade que pretendemos alcançar.

No Brasil, guardadas as devidas proporções, nos últimos cinquenta anos também houve a construção de um outro país, bem diferente, com avanços sociais importantes, alguns registrados na Constituição de 1988. Um interstício de menor crescimento econômico deve ser motivação para revisão de rota e escolha de novos rumos, pois o horizonte da nação é aquele de longo prazo e a China é uma possibilidade de cooperação que, como diria Ignácio Rangel, "cooperação não exclui conflito", da mesma forma que o ganho de um lado não representa, necessariamente, a perda do outro – o famoso protocolo diplomático do "ganha-ganha".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, P. N. **O Brasil não cabe no quintal de ninguém**. São Paulo: Leya, 2019.

BOA NOVA, V. V. F.; JABBOUR, E. M. K; CAMBUHY, M. C. A nova economia do projetamento como estágio superior de intervenção do Estado chinês no território. **Geosul**, v. 38, p. 69-93, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/91766/53539. Acesso em: 4 mai. 2024.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere – volume 3**: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JABBOUR, E. M. K; BOA NOVA, V.; VADELL, J. "O caminho chinês": desenvolvimento desigual, projetamento e socialismo. **Cadernos da Metrópole**. São Paulo. v.26, n.59, p.377-399, jan/abr. 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cm/a/JJNjcSKg3GSPQHW3Q8h8jnm/?lang=pt&format=pdf.

JABBOUR, E. M. K. **China**: desenvolvimento e socialismo de mercado. Florianópolis: Labeur/GCN/CFN/UFSC, 2020.

JABBOUR, E. M. K; DANTAS, A. Ignácio Rangel na China e a "Nova Economia do Projetamento". **Economia e Sociedade**. V.30, n.2, p.287-310, 2021.

JABBOUR, E. M. K; GABRIELLE, A. **China**: o socialismo do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2021.

JABBOUR, E. K.; DANTAS, A. T.; ESPÍNDOLA, C. J. Considerações iniciais sobre a "nova economia do projetamento". **Geosul**, Florianópolis, v. 35, n. 75, p. 17-42, maio/ago. 2020.

JABBOUR, E. M. K., DANTAS, A. T., ESPÍNDOLA, C. J., VELLOZO, J. A (nova) economia do projetamento como estágio superior do socialismo chinês. **Revista**

Desenvolvimento & Civilização, v.*2, n.*2, p.1–34., 2022. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdciv/article/view/66264. Acesso em: 2 jul. 2024.

JABBOUR, E. M. K.; CAPOVILLA, C. Pressupostos dialéticos acerca do socialismo e projetamento na China de hoje. **Economia e Sociedade**. Campinas, v.33, n3, 2024.

JABBOUR, E.; BOER, R. Ignácio Rangel: thinker of scientific socialism, originator of the "Projectment Economy." **International Critical Thought**, p.1–19, 2024. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21598282.2024.2365122?scroll=top&needAccess=true. Acesso em: 5 jul. 2024.

JINPING, X. **A governança da China**. v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2019.

LAMOSO, L. P. O sentido político do processo de reprimarização no Brasil. *In*: Santos, Leandro Bruno et al. **Construindo territórios**: projetos de dominação e resistências dos povos do sul global. Rio de Janeiro: Consequência, p. 17-40, 2023.

LOSURDO, D. **O marxismo ocidental**: como nasceu, como morreu, como pode renascer. São Paulo: Boitempo, 2018.

NYE, J. **O futuro do poder.** São Paulo: Benvira, 2012.

PAUTASSO, D.; DORIA, G.; NOGARA, T. A. A Nova Rota da Seda e o projeto chinês de globalização. Insight Inteligência, ed. 90, 2020. Disponível em: https://insightinteligencia.com.br/a-nova-rota-da-seda-e-o-projeto-chines-de-globalizacao/.

SANTOS, M. **Técnica. Espaço. Tempo.** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SPYER, J. **Povo de Deus**: Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

SUL GLOBAL INSIGHTS. **Hiperimperialismo**: um novo estágio decadente perigoso. [S.L]. Tricontinental, jan. 2024. Disponivel em: https://thetricontinental.org/wp-content/uploads/2024/01/PT_Hyperimperialism_RGB_240206.pdf.

TEIXEIRA, S. H. de O.; SILVA, A. M. B. Os usos da informação estratégica sobre o território: a empresa de consultoria Pricewaterhouse Coopers e o planejamento territorial. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, *[S. l.]*, v. 13, n. 2, p. 71, 2011. Disponível em: https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/395. Acesso em: 8 jul. 2024.

WEBER, I. **Como a China escapou da terapia de choque**: o debate da reforma de mercado. São Paulo: Boitempo, 2023.

Recebido em agosto de 2024.

Revisão realizada em novembro de 2024.

Aceito para publicação em dezembro de 2024.